

MAIS DE 8 MILHÕES DE LIVROS VENDIDOS

# ROBERT DUGONI

AUTOR BESTSELLER MUNDIAL DE *UM ESPIÃO EM FUGA*



# O ÚLTIMO AGENTE

TOP  
SEL  
LER

«Se quer ler um grande thriller de espionagem internacional,  
não precisa de procurar mais.»

THE REAL BOOK SPY

*Dedicado ao meu amigo Martin Bantle.*

*O Martin morreu de forma inesperada enquanto eu escrevia este romance.*

*Tinha apenas 56 anos. A sua morte será para sempre um aviso de que todos os dias são uma dádiva que devemos estimar. Vou ter saudades do sorriso e do riso atrevido do Martin, assim como do brilho no seu olhar que nos fazia pensar que guardava um segredo importante.*

*Estou grato à sua mulher e aos filhos pelo Fim de Ano de 2019, quando todos passámos uma noite muito agradável na companhia de amigos e respetivas famílias. Ao final da noite, os meus dois filhos, adultos, sorriram e disseram: «Foi uma noite muito divertida. Temos de repetir.»*

*Oxalá pudéssemos fazê-lo na companhia do Martin.*

*Bem sei que fazer do Martin uma personagem neste livro não chega para colmatar a falta que nos faz este marido, pai e amigo.*

*Mas eu não queria abrir mão dele.*

*E sei que apesar de não querer partir tão cedo, não teve alternativa.*

*Mas sei também que está bem, que está num sítio melhor,  
a velar pela sua família.*

## PRÓLOGO

---

Um grupo de homens entrou de rompante no quarto e arrancou a mulher da cama sem dizer uma única palavra. Enfiaram-lhe um saco preto sobre a cabeça e algemaram-lhe os pulsos atrás das costas. A sua estadia no hospital tinha chegado ao fim, uma inevitabilidade da qual ela estava bem ciente, e não temia o que o futuro lhe reservava.

A vida tinha perdido toda a importância.

As grilhetas que lhe cingiam os tornozelos começavam a enterrar-se-lhe na carne, unidas entre si por uma corrente. Um bastão cravado nas costelas impeliu-a em frente, e ela avançou, descalça, arrastando as correntes pelo chão de linóleo.

Não fazia ideia de quanto tempo tinha estado no hospital. Não havia um calendário que lhe indicasse o mês ou dia do ano. Não havia uma janela que anunciasse o dia ou a noite. Não havia um relógio que lhe dissesse as horas. Não havia jornais, revistas ou livros que dessem conta do que se passava no mundo. O tempo tinha perdido o seu valor.

Os sons das máquinas e monitores hospitalares tinham sido o único ruído de fundo durante o período de isolamento. Ninguém falava com ela, nem os médicos, nem as enfermeiras. Não lhe perguntavam se tinha dores ou se precisava de mais analgésicos.

Não queriam saber — ou tinham recebido ordens nesse sentido. Ninguém a interrogou ou ameaçou.

Isso, porém, estava prestes a mudar. Ela tinha existido no limbo, no limiar da dor, mantida viva por um único motivo: ser interrogada.

Depois disso, seria executada.

Não lhes diria nada.

Um bastão encostado ao peito fê-la parar. Ouviu-se o sinal do elevador. Ela entrou. O elevador desceu. Novo sinal. Um bastão obrigou-a a caminhar em frente.

O cimento frio arranhava-lhe a planta dos pés. O toque de bastão que sentiu na parte de trás das pernas instruiu-a a subir um degrau — como um elefante de circo que é espancado até à submissão, outra técnica para a desprover da sua humanidade.

Obedeceu com dificuldade. A corrente era demasiado curta. Dois passos. Entrou naquilo que lhe pareceu ser uma carrinha de transporte. Nova bastonada nas duas pernas, desta feita com força suficiente para a obrigar a sentar-se. Um banco corrido. As suas mãos algemadas foram presas à parede atrás de si, o que agravou a dor nos seus ombros já de si lesionados, uma dor que aumentava a cada solavanco e curva da carrinha.

Após uma curta viagem, o veículo parou. Ela sabia onde estava. Há muito que Moscovo era a sua casa. Não tinha segredos para ela.

O estalido do trinco. A porta abriu-se e ela sentiu uma brisa fresca — o primeiro ar puro que respirava desde que acordara na cama do hospital. Um guarda soltou-lhe os pulsos da parede, mas ela continuou algemada atrás das costas. Mais um toque com o bastão para perceber que devia levantar-se. Arrastou os pés para a frente. A brisa acariciava-lhe agora o pescoço, as costas das mãos e a parte de cima dos pés.

Um novo toque atrás do joelho direito incitou-a a descer. Desta vez, o seu pé descalço não encontrou chão sólido e ela caiu, embatendo com força com a cara e os ombros no solo. Apesar da

dor lancinante, conteve qualquer gemido de dor, qualquer indício de desconforto, qualquer comentário enraivecido. Não lhes daria essa satisfação.

Um par de mãos agarrou-a pelos cotovelos e pô-la de pé. Magoada e com dores, avançou, sentindo o gosto metálico do seu próprio sangue. Ouviu portas a abrir e a fechar. Nenhuma palavra dita. Isolamento completo.

Sorriu atrás da máscara. O que importava a uma condenada se alguém falava com ela ou não?

Novo toque no peito. Estacou. Uma porta abriu-se. Avançou. O bastão sobre os seus ombros. Sentou-se. Um banco de metal. Três pernas. Facilmente derrubável. Um guarda soltou-lhe a mão direita, puxou ambas as mãos para baixo do assento e, em seguida, voltou a algemá-la. Os seus pés estavam igualmente imobilizados, presos às pernas do banco. Inclinou-se para a frente, curvada como uma gárgula monstruosa a sobressair da fachada de uma igreja.

A porta fechou-se, deixando atrás de si o zumbido surdo de um profundo e sinistro silêncio.

Ela aguardou. O quê ou quem, não sabia. E tão-pouco queria saber.

Os seus ombros, costas e joelhos ainda estavam doridos da queda, uma dor agora mais intensa graças à estranha postura que fora obrigada a assumir ao sentar-se naquele banco. Uma vez mais, perdeu a noção do tempo, se estava sentada há minutos ou há horas.

— Constou-me que ainda não disse uma palavra.

Uma voz de homem. Melíflua. Grave e arranhada, a voz de um fumador. Após meses de silêncio, até mesmo a língua russa lhe parecia estrangeira. Não reagiu nem respondeu. Não tinha ouvido a porta abrir-se ou fechar-se, nem tão-pouco passos no cimento. O homem já estava na sala quando ela entrou. Observava-a. Estudava-a. Seria ele o seu interrogador — calmo ao princípio, racional, talvez até cortês. Tudo isso acabaria por mudar.

— Açam que podem ser danos cerebrais causados pelo acidente — disse ele, exalando.

Notava-se que não acreditava no que tinha acabado de dizer. Ela sentiu o fumo do tabaco, ainda que não o aroma acre dos cigarros russos baratos, mesmo que de bom grado fumasse um naquele instante. Era antes um aroma mais doce, subtil, de uma daquelas marcas caras cujo acesso lhe estava completamente vedado.

— Não sabem — concluiu ele.

As pernas de uma cadeira raspavam o cimento. Passos.

O homem tirou-lhe o saco da cabeça. A luz repentina cegou-a. Cerrou os olhos, pestanejando depois para afastar a dor.

As feições do homem tornaram-se nítidas. Ele encostou-se a uma mesa de metal. Não era particularmente alto, mas era entroncado. Robusto. O tecido da camisa branca agarrava-se ao seu peito e aos seus braços. Cabelo grisalho cortado rente. Pés de galinha nos cantos dos olhos. Olhou para ela com uma expressão carregada que ensombrecia ainda mais os seus olhos escuros, sem vida. O queixo estava marcado por cicatrizes de suturas grosseiras, assim como o seu sobrolho direito e a ponte do nariz, que parecia ter sido partido, talvez mais do que uma vez e sempre mal curado. Tipicamente russo.

Espirais de fumo dançavam da ponta de um cigarro que ele prendia entre os dedos, formando uma nuvem junto ao teto. Ela nunca tinha visto aquele homem na sede do FSB — o Serviço Federal de Segurança da Rússia —, mas, tendo em conta a sua postura experiente e ar cansado, desconfiava que ele viria dos tempos do KGB. Algo assim.

Ele tinha desabotoado os dois primeiros botões da camisa e dobrado cuidadosamente os punhos das mangas, deixando à mostra os dedos grossos, as mãos sapudas, os antebraços semelhantes a cordames. Havia uma gravata sobre a mesa. Ao lado, um tijolo vermelho. Estranho.

— Cabe-me a mim esclarecer o assunto.

A primeira ameaça.

Deu mais uma passa no cigarro, soltando pequenos círculos de fumo contra o ar bafiento. Apesar de ainda lhe restar mais de metade do cigarro, atirou-o para o chão. Os seus olhos perscrutaram o rosto dela em busca de uma reação; antes do acidente, ela fumava três maços por dia. Depois, o homem pisou a beata com a sola do sapato.

Deitou mão ao tijolo como se tomasse o peso a um lingote de ouro.

— Sabe o que é isto? — Ela não respondeu. — Enfim, é óbvio. É um tijolo, claro, mas não um tijolo qualquer. Não. É um aviso. Um aviso que nos diz que devemos sempre prestar atenção. Prestar atenção ou sofrer as consequências. Em miúdo, aprendi a prestar atenção.

Isso explicava as cicatrizes, daquelas deixadas a sarar por si mesmas, e o dedo anelar da mão direita, curvado para a esquerda no primeiro nó.

— Demorei algum tempo — concluiu, pousando o tijolo na mesa. — Agora, pergunto-lhe: está a prestar atenção?

Muita atenção.

Porém, ela não iria dizer o que fosse, nem ao seu interrogador nem a ninguém.

Não estava disposta a prolongar o inevitável. A sua vontade era juntar-se ao irmão e ao resto da família, àqueles que amava e que partiram antes dela. Voltou a pensar na passagem bíblica, o mantra que repetira vezes sem conta no hospital.

*Nenhum poder terias sobre mim.*

*Ainda que eu atravesse o vale da morte, não terei receio de nada.*

*Deitar-me-ei em verdes pastos.*

*E habitarei a casa do Senhor ao longo dos meus dias.*

O homem olhou para ela como se lhe lesse os pensamentos.

— Veremos.

A liberdade não chegou no dia em que o júri ilibou Charles Jenkins da acusação de espionagem e Joseph B. Harden, o juiz federal, o declarou «um homem livre». Não aconteceu quando foi ultrapassado o prazo para o Governo recorrer da decisão dos jurados. Apesar de Jenkins não ter ficado preso para o resto da vida e de estar grato pela decisão do júri, a sua verdadeira liberdade só lhe chegava agora, seis meses após o veredito e a decisão de Harden. Regressou a casa após a sua corrida matinal, entrou no escritório e assinou o último cheque para a última empresa de segurança subcontratada pela sua antiga empresa, a CJ Security.

Tinham fornecido serviços de segurança à LSR&C, uma empresa de investimento internacional agora desacreditada. O facto de a LSR&C ser uma fachada da CIA e não uma empresa de investimento legítima, contratando a CJ Security sob esses falsos pretextos, não havia qualquer importância. Jenkins fora enganado, difamado, alvejado e quase preso até ao fim dos seus dias por causa do logro da LSR&C, mas os fornecedores e empresas subcontratadas pela CJ Security não tinham nada que ver com isso. Haviam cumprido os seus serviços mediante um contrato escrito e tinham direito a receber o que lhes era devido.



O seu advogado recomendara a declaração de falência como a melhor forma de se livrar das obrigações contratuais. Jenkins tinha rejeitado a recomendação. Não iria corrigir um erro com outro. *Negocia um plano de pagamento. Eu cá me arranjo*, dissera.

E assim foi — mas não graças ao adiantamento de seis dígitos proposto por um editor para que ele escrevesse um livro sobre a sua fuga da Rússia e o seu subsequente julgamento e absolvição da acusação de espionagem; nem graças à venda de uma parcela da sua quinta na ilha Camano.

Saldou as suas dívidas à moda antiga.

Trabalhou que se desunhou.

Prestou serviços de investigação, entregou intimações e verificou os antecedentes criminais de candidatos a cargos em qualquer empresa que o contratasse. Usou as suas colmeias para produzir mel biológico, bálsamo para os lábios e creme para as mãos, produtos que vendia numa loja em Stanwood e online. Parcelou os terrenos de pasto e alugou espaço para alojar cavalos; cortou e vendeu lenha. Fez o que foi preciso para pagar as dívidas e sustentar a mulher e os dois filhos.

Jenkins lambeu o verso de um envelope e selou o último pagamento ao último fornecedor. Olhou para a etiqueta com a morada com uma sensação de dever cumprido, mas também de traição — um travo mais amargo do que o sabor da cola do envelope.

*Esquece*, disse para si mesmo.

Olhou para *Max*, a *pit bull* tigrada que dormia a seus pés.

— Estás pronta para ir à rua, linda?

*Max* ergueu-se de imediato, abanando o rabo. Jenkins tinha feito a corrida matinal sem a sua companheira. *Max* não se teria recusado, mas a verdade é que já não ia para nova. As suas articulações agradeciam que a deixasse em casa três dos cinco dias em que ele corria. Nos intervalos, tomava glucosamina para aliviar a dor nas articulações.

Quinze minutos depois, Jenkins já tinha vestido o macacão de trabalho e bebido um batido proteico. Tinha aumentado o seu

regime de treino e iniciado uma dieta eminentemente vegetariana que o fez perder mais 2,25 quilos. Os seus 1,90 metros de altura pesavam agora 102 quilos, o mesmo peso que constava na sua cédula militar.

Quando abriu a porta das traseiras, *Max* saiu a correr, galgando os degraus do alpendre e atravessando o relvado para ir ladrar aos cavalos que estavam no cercado.

Os dois *appaloosas* e o puro-sangue árabe ergueram as cabeças dos sacos de ração, mastigando o feno que lhes saía das bocas, mas de resto ignoraram por completo a interrupção da refeição. O cercado tinha resistido bem desde que Jenkins instalara um fio quente junto à calha superior para dissuadir os cavalos de usarem os postes para se coçarem.

Correu o fecho do casaco *Carhartt* manchado e desgastado para se proteger do frio do inverno, e tirou as luvas de trabalho forradas a pelo e o barrete preto dos bolsos, sacudindo-os contra o macacão para matar ou revelar possíveis aranhas. Sentou-se no banco que tinha feito a partir de um pinheiro caído e calçou as botas cobertas de lama seca. *Max* aproximou-se dele.

— Mostraste àqueles cavalos quem manda? — Jenkins esfregou-lhe o focinho e fez-lhe festas na cabeça antes de descer o alpendre.

Ao cruzar o pasto para tratar da horta, sentia a relva congelada a ranger sob as suas botas, e a respiração ganhava corpo no ar gelado. Alex, a sua mulher, havia passado algumas horas no início do mês a arrancar ervas daninhas, o que muito facilitaria agora o seu trabalho.

Foi buscar o material necessário ao barracão de metal e estendeu feltro preto sobre o terreno, entalando nos cantos. Em seguida, cobriu o feltro com papelão, o que sufocaria as ervas daninhas e libertaria um açúcar que, à medida que se deteriorava, atrairia minhocas.

Quando Jenkins abriu a torneira para ensopar o papelão, *Max* ladrou, mas não aos cavalos. Jenkins não tinha vizinhos, pelo menos não por perto, e os seus amigos raramente apareciam sem

avisar. Alex tinha levado Lizzie para a creche e ficaria a trabalhar de manhã na sala de aulas do filho, CJ, a ensinar Matemática.

Jenkins ergueu a mão para tapar os raios de Sol que penetravam por entre as árvores e avistou um jovem a dobrar a esquina da casa e a começar a cruzar o quintal na sua direção. O seu fato escuro, casaco preto comprido e cabelo loiro, curto, faziam com que parecesse um missionário mórmon. O seu andar indicava que estava determinado a mudar o mundo para melhor.

— Calma, menina. Senta — sussurrou Jenkins quando *Max* começou a rosnar. — Vamos ser simpáticos. A menos que tenhamos motivos em contrário.

Os missionários mórmones deslocavam-se em pares e, regra geral, por zonas onde pudessem espalhar a sua mensagem mais amplamente. E embora os mórmones fossem determinados, aquele jovem parecia ser demasiado seguro de si mesmo, muito composto para estar ali por motivos religiosos. Além disso, parecia muito velho para andar em missão. Jenkins esperava que o homem não trouxesse consigo uma intimação — ou algo mais mortal. Naquele momento, tudo o que ele tinha em mãos era a mangueira.

*Max* obedeceu e sentou-se ao lado de Jenkins. O jovem parou quando pisou no relvado encharcado e olhou para os seus sapatos pretos. A sua expressão determinada tornou-se hesitante. Levantou o olhar.

— Charles Jenkins?

— A que se deve a visita? — Jenkins olhou à volta à procura de uma arma.

— Venho falar com Charles Jenkins. — A voz do jovem subiu de tom ao formular a pergunta. — Ele está em casa?

— Perguntei qual era o motivo da visita.

*Max* rosou baixinho, captando a atenção do jovem.

— A Rússia — respondeu ele, voltando o olhar para Jenkins. — Tem que ver com a Rússia.

## 2

Jenkins inclinou a cabeça, tentando ouvir por cima do som de um jato que voava a baixa altitude em direção a sul para o SeaTac Airport ou Boeing Field.

— Repita lá isso...

O jovem deu um passo em frente e levantou a voz.

— Disse que tem que ver com a Rússia. Com o tempo que passou lá!

— Não é preciso gritar, rapaz. Não sou assim tão velho. — Olhando para o fato do homem, disse: — Está demasiado bem vestido para ser um jornalista, por isso presumo que não esteja aqui para escrever um artigo. E nenhuma editora enviaria alguém sem me avisar primeiro.

— Trabalho para a agência — esclareceu. — Chamo-me Matt Lembre.

— Trabalha para a CIA? — inquiriu Jenkins. Talvez estivesse mesmo a ficar surdo.

Lembre mostrou-lhe as suas credenciais.

— Pode confirmar as minhas credenciais junto da subdireção dos Serviços Clandestinos.

Jenkins nunca tinha ouvido falar desse departamento, mas sabia que tinham sido feitas algumas reestruturações na agência.

- Qual é a divisão?
- Operações Secretas. Sobretudo na Rússia.
- Está a gozar?
- Não estou a perceber...
- Pois não — Jenkins riu-se da lata da agência. — Fala regularmente com o subdiretor?
- Regularmente não, mas...
- Mas pode transmitir-lhe um recado?
- Na verdade, é subdiretora. A subdiretora dos Serviços Clandestinos chama-se Regina Baity.
- Pode transmitir um recado à Sra. Baity?
- Posso.
- Diga-lhe que pode ir... — Jenkins mordeu a língua ao lembrar-se da sua falecida mãe, que sempre lhe dissera que os palavrões são indícios de falta de inteligência. — Diga-lhe que não temos nada que conversar.

Com isto, começou a atravessar o relvado em direção à casa.

Lemore guardou a identificação no casaco e seguiu-o.

— Compreendo a sua relutância em falar comigo.

— Não compreende, não.

— Li o seu dossiê. E acompanhei o julgamento.

— E eu vivi-o.

— Tem de...

Jenkins parou. Era cerca de 20 centímetros mais alto e, provavelmente, 30 quilos mais pesado do que Lemore. Inclinou-se na direção do jovem agente, tentando intimidá-lo. O seu tom de voz manteve-se inalterado.

— «Tenho?» Rapaz, depois de ir aos Correios enviar o último cheque a um credor relativo a uma despesa em que incorri por causa da sua agência, não tenho de fazer nada, exceto morrer e pagar impostos. Dê corda aos sapatos e desapareça daquela que ainda é a minha propriedade.

Jenkins voltou a encaminhar-se para o alpendre das traseiras, mas sentiu que Lemore não lhe tinha dado ouvidos.

— Creio que começámos com o pé errado, Sr. Jenkins.

Jenkins abanou a cabeça, rindo-se do eufemismo do jovem agente. Continuou a andar.

— Acha mesmo? Deixe-me dizer-lhe uma coisa. Não há pés suficientes em toda a agência para cobrir os erros que foram cometidos.

Lemore continuou a falar.

— Estou autorizado a pagar todas as suas contas...

— Já vem tarde.

Jenkins chegou aos degraus do alpendre.

— Nesse caso, posso reembolsá-lo.

— Dispenso.

Jenkins atravessou o alpendre e chegou à porta das traseiras. A frustração tomou conta da voz de Lemore.

— Então, talvez possa pagar-lhe um café e pedir desculpa em nome da agência. Não lhe tomo muito tempo.

— Não me toma tempo nenhum, porque só bebo o café que preparo e a minha chávena não pede nada em troca. Sugiro que volte para o seu carro, siga para o aeroporto e volte para Langley.

Por norma, Jenkins ter-se-ia sentado no banco para descalçar as botas e despir o casaco para não levar terra para dentro de casa, mas tinha medo do que pudesse fazer a Lemore, caso ficasse na rua a levar com a insolência do agente por muito mais tempo.

— Sr. Jenkins, tem o dever de, pelo menos, ouvir o que tenho para... — Foi o suficiente. Jenkins desceu os degraus a correr. Lemore recuou, de mãos no ar, alternando o olhar entre *Max* e Jenkins. — Se me ouvir...

— Acabou-se a conversa. — Jenkins agarrou em Lemore pelas lapelas, com ideias de o expulsar a pontapés até ao carro.

Lemore passou rapidamente as mãos para cima pelo espaço entre os braços de Jenkins, avançou para ele e usou o seu antebraço direito para empurrar Jenkins enquanto lhe rasteirava a perna direita. Jenkins caiu violentamente de costas. A relva molhada ficou esborrachada com o impacto. Lemore manteve uma chave na mão

de Jenkins, dobrando-a no pulso, um ângulo que visava infligir dor suficiente para imobilizar Jenkins.

*Max* ladrou e rondou-os, mas não atacou.

— Sinto muito — disse Lemore. — Não queria ter de fazer isto. Se me ouvir...

Jenkins enrolou a perna à volta dos pés de Lemore e dobrou a mão e o braço que lhe manietavam o pulso. Projetou a perna que tinha livre contra o peito dele, desequilibrando o jovem e fazendo-o cair de costas. Em seguida, levantou-se sem lhe largar o pulso.

— E eu também não queria fazer isto.

Lemore estava prostrado no chão, com a cara muito vermelha.

— Está bem, está bem — disse a custo. — Eu vou-me embora.

Jenkins largou o pulso e recuou, com a respiração pesada desenhada no ar frio. Sentia o suor escorrer-lhe pelas ceroulas, dentro do macacão, e a adrenalina a pulsar-lhe nas veias.

Lemore levantou-se lentamente e sacudiu o fato, recuando logo a seguir com as mãos no ar.

— Peço desculpa — disse. — Só estava a tentar fazer o meu trabalho.

Jenkins subiu para o alpendre e agarrou na maçaneta.

— Se lhe serve de consolo, sabemos que foi tramado — atirou-lhe Lemore. — E estávamos todos a torcer por si, todos os agentes.

Jenkins entrou em casa e bateu com a porta. A sua raiva estava ao rubro; nem queria acreditar que a mesma agência que tinha permitido que o julgassem por espionagem tivesse agora a audácia de procurar a sua ajuda. Para esfregar sal na ferida, tinha acabado de ser envergonhado por um miúdo que era um pau de virar tripas.

Enquanto andava de um lado para o outro, as últimas palavras de Lemore não lhe saíam da cabeça. *Todos sabemos que foi tramado.*

*Nós.* Os agentes.

Jenkins abanou a cabeça, enquanto pensava na pouca sorte que calhara a Lemore para ser o escolhido para ir falar com ele.

*Só estava a tentar fazer o meu trabalho.*

Jenkins estancou.

— Merda.

Avançou rapidamente para a porta da frente, deixando atrás de si pedaços de lama seca e marcas de pegadas de bota no soalho. Lá fora, um carro preparava-se para arrancar. Jenkins abriu a porta e saiu para o alpendre da entrada à medida que os pneus do carro de Lemore começaram a projetar gravilha para o ar. Pouco depois, o carro desaparecia atrás das árvores.



### 3

Depois de tomar banho e fazer a barba, Jenkins foi de carro até à cidade vizinha, Stanwood, munido dos seus óculos de sol para fazer face à luz intensa do inverno. Dirigiu-se aos Correios e enviou o último pagamento e, em seguida, tendo em conta a proximidade da Escola Secundária de Stanwood, decidiu ligar para ver se Alex já estava despachada das aulas.

— Tinha esperança de convencer uma bela jovem a tomar um pequeno-almoço tardio ou um almoço antes de tempo no Island Café.

— E estavas de olho fígado em que bela jovem? — quis saber Alex.

— Não sei. Pensei que podias apresentar-me umas quantas?

— Isso querias tu, pinga-amor. — Pela voz, Alex parecia estar a andar. — Gostava muito de ir ter contigo, mas tenho de ir buscar a Lizzie à creche para depois ir com ela ao Dr. Joe.

Lizzie, agora com 1 ano, andava birrenta e a acordar a meio da noite.

— Como está ela?

— Presumo que seja outra otite. — Ouviu o som do alarme do carro de Alex, seguido de uma porta a abrir e a fechar. — Como está a correr o teu dia de folga?

— A trabalhar — respondeu, demorando o olhar no reflexo dos raios de Sol nas águas pardacentas do rio Stillaguamish, que separava Stanwood da ilha Camano. — Consegui finalmente acondicionar a horta.

Ainda pensou em referir a visita de Matt Lemoire, mas decidiu esperar antes de tocar no assunto. Alex parecia estar com pressa.

— Ao menos, sai e aproveita este sol maravilhoso.

— Espero conseguir fazê-lo — disse ele. — Eu vou buscar o CJ.

— Quanto tempo tencionas ficar no café? — O seu tom era eivado de sarcasmo.

— Tempo suficiente para te poupar a deslocação — retorquiu.

Jenkins percorreu a curta distância até ao café de carro. Em Nova Jérsia, onde tinha crescido, chamariam *diner* ao café que ficava localizado num edifício de reboco de um só andar. O chão de tijoleira vermelha estava desgastado, à semelhança das mesas de fórmica, das cadeiras e dos sofás de vinil verde. O café nunca mudava — nem a decoração, nem a ementa, nem o proprietário, que era também o cozinheiro, nem as empregadas, nem os clientes, apesar de alguns dos habituais terem morrido ao longo dos anos. Mesmo depois do seu julgamento mediático, ali ninguém olhava duas vezes para Jenkins.

Os clientes do pequeno-almoço já tinham saído. Jenkins cumprimentou os poucos que restavam e que estavam sentados ao balcão a bebericar café de canecas de porcelana, agarrou num exemplar do *Seattle Times* de uma mesa vazia e dirigiu-se a um dos sofás que ficava por baixo das bandeiras axadrezadas vermelhas e brancas que embelezavam uma das janelas. Sentou-se e a empregada, Maureen Harlan, encheu-lhe a caneca com café.

— O que vai ser? — perguntou enquanto olhava pela janela.

— Dois ovos estrelados, fruta em vez das *hash browns*, sem bacon e sem torrada.

— Menu Lavrador, extra bacon. *Hash browns* bem douradinhas. Torrada de trigo?

Jenkins sorriu.

— Parece-me bem.

— E uns petiscos para a cadela?

— A *Max* agradece.

— Aqui há dias comprei daquele seu batom para o cieiro. Aquilo resulta mesmo.

— Nunca tentaria passar a perna à pessoa que me serve as refeições.

— Faz muito bem — atirou ela, enquanto se afastava.

Jenkins abriu o jornal. Uma das manchetes captou a sua atenção. Um cidadão americano que alegava ter viajado até Moscovo para ir a um casamento fora detido pelo Kremlin e acusado de espionagem. Após semanas de conversações crispadas, o homem tinha sido libertado do famigerado estabelecimento prisional de Lefortovo, em Moscovo.

Prestes a virar a página, Jenkins sentiu uma presença junto à mesa. Maureen era rápida quando o café estava à pinha, mas tanto também não. Baixou o jornal. Matt Limore esboçava um sorriso matreiro e tinha as mãos no ar.

— Prometi que lhe pagava um café — disse.

Jenkins dobrou o jornal e indicou a outra ponta da mesa com um aceno. Limore sentou-se e pegou numa das ementas plastificadas que estavam no suporte em cima da mesa.

— O que recomenda? — inquiriu.

— O café — disse Jenkins, bebendo um gole da sua caneca.

Maureen regressou com uma cafeteira e encheu a caneca de Jenkins.

— Quero... — Começou Limore, virando a ementa plastificada, mas Maureen virou costas e afastou-se da mesa como se não tivesse ouvido.

— Ela não o conhece — disse Jenkins.

— Ela só serve pessoas que conhece? — Limore esboçou um sorriso nervoso.

— Ou de quem gosta. — Jenkins deu mais um gole no seu café. Limore voltou a colocar a ementa no suporte. Jenkins pôs

a caneca. — Aquele golpe que me aplicou na quinta. O que era aquilo?

— O golpe no pulso? Peço desculpa por ter feito aquilo.

— O que era aquilo?

— Sobretudo judo, uma técnica designada por *osoto-gari*, com um pouco de *krav maga* à mistura — explicou Lembre. Este último termo designava as técnicas de treino tático das Forças Armadas israelitas. Jenkins tinha contra-atacado com um golpe de *krav maga*, mas no seu tempo aquilo chamava-se *tang soo do*.

Lembre não era obviamente um agente treinado para passar os dias à frente de uma secretária.

— Treino paramilitar. Onde? Harvey Point? — perguntou Jenkins, referindo-se à Carolina do Norte.

— Em Camp Peary — disse Lembre, referindo-se a um centro de formação secreto da CIA designado por «A Quinta».

— Para onde foi destacado?

— Sobretudo para a Rússia e para a Europa de Leste. Ultimamente, tenho estado sentado a uma secretária em Langley. Casei há pouco tempo, e a minha mulher está grávida do nosso primeiro filho. Achámos melhor ficar perto de casa.

— Parabéns.

— Obrigado.

— Então, a espionagem é um capítulo encerrado?

Lembre assentiu.

— Até ver, sim. E para a minha mulher também.

Muitos agentes acabavam por casar com outros operacionais da CIA, e Jenkins havia sido um deles. Os agentes compreendiam porque é que os cônjuges não podiam chegar a casa e partilhar como tinha sido o seu dia, e porque é que podiam ter de partir de um momento para o outro sem dar uma explicação e regressar sem dizer onde tinham estado.

— E como é que conseguiu esta bela missão?

Lembre bateu com o dedo no jornal.

— Estava a acompanhá-lo.

Jenkins ponderou no artigo que lera na página interior.

— Era o agente responsável?

— Bem, sim, mas agora usamos uma terminologia diferente.

— Quantos anos tem?

— Tenho 42.

Lemore parecia um miúdo acabado de sair da universidade.

— Quantos anos de serviço?

— Dezasseis. Entrei para a CIA depois de concluir os estudos e de estar quatro anos nos Fuzileiros.

— Esteve no ativo?

— Queria lutar pelo meu país.

— E lutou?

— Fiz duas comissões no Iraque.

— Como chegou à agência? Deixe-me adivinhar. Queria voltar a servir o seu país.

— Não. Precisava de um emprego.

Jenkins riu-se.

— Porquê a Rússia e o Bloco de Leste?

— Foi o que estudei na universidade. A Revolução Bolchevique, a ascensão do comunismo e da União Soviética, o colapso económico e a consequente dissolução.

— A menos que o Sr. Putin leve a sua avante.

— A Rússia atual é em tudo semelhante ao que foi a União Soviética — disse Lemore, sem parecer muito impressionado.

— Não me diga.

— Desculpe. O que quis dizer é que há ali muita parra e pouca uva.

— É russo?

— A família da minha mãe é russa. Lemore é francês.

— *A ty govorish' po russki?*

— *Da.*

— O país despertou-lhe interesse?

Lemore sorriu.

— Isso e o facto de ser uma nódoa a Matemática. Contabilidade estava fora de questão...

Maureen regressou com a refeição de Jenkins. Lembre manteve os olhos baixos e os dedos das mãos entrelaçados. Parecia um penitente na catequese.

— Ei — disse Maureen. Lembre olhou para cima. — Vai comer?

— Ah, sim. Quero...

— O mesmo que ele? — cortou Maureen.

Lembre olhou para o prato de comida.

— Claro. O que vai ele comer?

Ela virou-se e encheu a caneca de Lembre antes de se afastar.

— Ela deve gostar de si — disse Jenkins. — Não a verá ser mais simpática do que isto. — Pegou numa das tiras de bacon e deu uma dentada. — Como é que vocês foram apanhados? — perguntou, batendo com o dedo no artigo de jornal.

— A ideia era ele ser apanhado.

Interessante.

— Porquê?

— Lembra-se da Olga Ivashutin?

— A advogada russa acusada de desempenhar um papel na reunião entre os funcionários da campanha de Donald Trump durante as eleições de 2016.

— Não podíamos detê-la e já tínhamos sacado tudo o que podíamos sacar. Queríamos que os russos pensassem que nos tinham à sua mercê e que a libertaríamos apenas porque tinham um dos nossos.

— Queriam que eles pensassem que tinham a vantagem e que podiam forçar a vossa próxima jogada. Estudou mesmo a cultura russa.

Lembre sorriu e depois disse:

— Havia outro motivo para ele ser apanhado. E é por isso que estou aqui.

Jenkins pousou a caneca.

— Sou todo ouvidos.

— Queríamos confirmar um rumor de há vários meses sobre a prisão de Lefortovo. Pensei que a melhor forma de o fazer era infiltrar alguém que sabíamos que depois podíamos tirar de lá.

— E que rumor é esse?

— Posso fazer-lhe algumas perguntas?

Jenkins cortou os ovos e levou uma garfada à boca misturada com as *hash browns*.

— Pode.

— Quando estive na Rússia, como conseguiu fugir?

— Atravessei o Mar Negro num barco de pesca turco, consegui chegar a Çeşme e depois paguei pela travessia do mar Egeu até Chios.

— Mas como conseguiu sair de Moscovo e chegar ao Mar Negro?

— Com a ajuda de uma agente. Uma russa. É uma longa história.

— Paulina Ponomayova?

Jenkins pousou o garfo, presentindo o que estava para vir. Tinha ido à Rússia depois de ter sido contactado pelo seu antigo superior, Carl Emerson, que lhe disse que sete mulheres russas sem ligação entre si, as chamadas «sete irmãs», tinham ficado sob a mira da polícia secreta russa. Durante décadas, as mulheres tinham sido espias americanas com acesso a informações altamente secretas. Três haviam sido expostas e executadas. Emerson dissera a Jenkins que o seu algoz era conhecido como «a oitava irmã» e pedira-lhe para determinar a identidade dessa pessoa. Mas tudo o que Emerson contara a Jenkins havia sido uma mentira.

O próprio Emerson tinha exposto as três irmãs em troca de milhões de dólares. Paulina Ponomayova não trabalhava para a polícia secreta russa, mas sim para a CIA, tentando identificar a fuga na agência. Quando Jenkins soube da traição de Emerson, mal conseguiu sair da Rússia com vida, e mesmo assim só graças

ao derradeiro sacrifício de Ponomayova. Assim que chegou aos Estados Unidos, a situação piorou. Quando Jenkins alertou as autoridades americanas para a traição de Emerson, Jenkins foi acusado e julgado por espionagem. Era apenas graças à genialidade do seu advogado e à retidão inabalável do juiz que não estava a passar os anos que lhe restavam na prisão.

— Sabe o que foi feito dela? — perguntou Lembre.

— Morreu. — Jenkins bebeu um gole de café e pousou a caneca. Aquele assunto continuava muito presente e doloroso.

— Viu-a morrer? — insistiu Lembre.

Jenkins recordou os últimos momentos com Ponomayova na casa de praia degradada, em Vishnevka. Lembrou-se de ver Paulina a sair pelas traseiras e a meter-se num carro que tinham escondido. A ideia dela era criar uma manobra de diversão que lhe desse tempo para fugir. A manobra tinha resultado.

— Não. — Lembre recostou-se, visivelmente desiludido. — Porque pergunta? Qual era o rumor relacionado com Lefortovo?

— Que um ativo muito relevante tinha sido levado para Lefortovo, onde estava a ser interrogado. Um ativo do sexo feminino que se acredita ter informações sobre uma operação clandestina americana de longa data.

Jenkins afastou o prato. Tinha perdido o apetite.

— Quando? Quando é que soube?

— Vários meses depois de ter regressado aos Estados Unidos. O seu otimismo desapareceu.

— Deve ser outra pessoa.

Lembre cortou-lhe a palavra.

— A mulher passou vários meses num hospital militar, em Moscovo, sob fortes medidas de segurança. Foi vítima de um acidente de viação e ficou vários meses na UCI antes de ser transferida para Lefortovo.

Jenkins ponderou naquelas palavras.

— Os russos fizeram todos os possíveis por manter aquela pessoa viva.



— O que significa que o ativo tinha acesso a informações privilegiadas e que o FSB estava preocupado com o que ela já tinha divulgado e o que mais podia saber.

Jenkins bateu com o dedo no jornal que estava em cima da mesa.

— O que lhe disse o seu agente? O que descobriu dentro da prisão?

— Disse que os russos estavam a ser cautelosos e paranoicos... mais do que o habitual. Por norma, os guardas prisionais falam pela quantia certa, mas não desta vez.

— Não sabe qual é a identidade dela.

— Não. Pensei que pudesse ajudar-me.

Jenkins abanou a cabeça. Não podia. Mas conhecia alguém que talvez pudesse.

**T**raído pelo seu país e julgado por traição, Charles Jenkins, ex-agente da CIA, conseguiu sobreviver a uma malograda missão secreta na Rússia. Exonerado, amargurado e finalmente em segurança, este pai de família não quer ter mais nada que ver com jogos duplos de espionagem. Isto é, até saber da existência de uma mulher detida em Lefortovo, uma prisão em Moscovo célebre pelas suas brutais técnicas de interrogatório. E perante a suspeita de que essa mulher é Paulina Ponomayova, a agente que sacrificou a própria vida para salvar a dele, Charles Jenkins não pode abandoná-la — mesmo sem garantias de que seja ela, ou sequer de que ainda esteja viva.

O passo seguinte: chantagear Viktor Federov, o ex-agente russo que o perseguiu através de três continentes, de modo a que este o ajude a infiltrar-se na prisão. Mas a cada passo — de Moscovo à Escandinávia e até em alto-mar — terá no seu encaço um violento agente russo, que o persegue na sua própria missão assassina. Impelido pela lealdade a Paulina, Charles Jenkins terá de arriscar tudo e entregar-se àquela que poderá vir a tornar-se a sua última missão.

**«Os fãs de espionagem estão prestes a embarcar numa viagem alucinante.»**

**LIBRARY JOURNAL**

**LEIA  
TAMBÉM:**



Penguin  
Random House  
Grupo Editorial

Thriller

 penguinlivros.pt  
  topseller.editora

ISBN 9789896233723



9 789896 233723 >